

## SER PROFESSOR É... REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS

**Maria Alzira Leite**

Laureate International Universities – UniRitter  
mariaalzira35@gmail.com

### Resumo

O interesse em desenvolver uma investigação envolvendo o humano e o social advém dos meus estudos acerca da imagem docente, em um momento no qual o ensino e a educação fazem parte da pauta dos debates que refletem a ação do professor. Ao longo dos tempos, observo que a temática da profissão docente se intensificou, principalmente, pelo que nos é apresentado nas diferentes esferas de circulação social – mídia, escola, família –, ou seja, um conjunto de discursos que fazem parte da nossa atualidade, mas, também, da nossa memória, uma vez que resgatam imagens e ações de um professor de séculos passados. A partir dessas reflexões, o objetivo deste estudo é analisar o movimento das representações de professores sobre o ser docente. Diante disso, propõe-se um percurso metodológico, pautado numa abordagem linguístico-textual-discursiva, à luz de princípios sociointeracionistas, com vistas a flagrar nos modos de enunciar de professores de língua portuguesa, regularidades que possam revelar os modos de fazer próprios da profissão e também as imagens que dela se faz.

**Palavras-chave:** Representações; Ser docente; Discurso.

### Abstract

The interest in developing an investigation involving the human and the social comes from my studies on the image of the teacher, at a time when teaching and education are part of the agenda of debates that reflect the action of the teacher. Throughout the years, I have observed that the matter of the teaching profession has intensified, not only by what is presented to us in the different realms of social circulation – media, school, family –, that is, a set of discourses that are a part of our present day, but also by the discourses from our own memory, since they rescue the images and actions of a teacher of past centuries. Based on these reflections, the



objective of this study is to analyze the movement of teachers' representations about being teachers. Therefore, a methodological path based on a linguistic-textual-discursive approach is proposed in order to focus on the ways Portuguese-speaking teachers enunciate and the regularities that may reveal the particular ways of performing the profession and also the images that are made of it, all of which under the umbrella of socio-interactionist principles.

**Keywords:** Representation; Being Teachers; Discourse.

## Introdução

*"[...] a profissão professor encontra-se em jogo e no centro das discussões educacionais" (Machado, 2004, p. xiii)*

Há cinco anos, acompanho o desenvolvimento das investigações em representações sociais. Embora existam, nesse viés, inúmeros estudos como os de Moscovici (1961; 2003), Jodelet (2001), Vala; Monteiro (2007), Sá (1998), Arruda (1998), Jovchelovitch (2008), Marková (2006), Deschamps; Moliner (2009), nesta pesquisa apresento discussões e exemplos que procuram delimitar um entendimento sobre o conceito da representação, o fenômeno da representação e, ainda, a teoria, que vão além da identificação de uma percepção. Isso porque "representar uma coisa, um estado, não é só desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto." (Moscovici, 2012, p. 54).

Posto isso, a reflexão que aqui apresento vem sendo tecida no escopo dos estudos desenvolvidos na Teoria das Representações Sociais, consideradas as possibilidades de articulá-los a abordagens discursivas, numa tentativa de compreender fatores que concorrem para a representação do professor apresentada/construída nos modos de dizer dos docentes, dos professores em formação, da família e de outros agentes da escola, aqui tomados todos como educadores. A direção que proponho para esta investigação, de algum modo sustentada por parte desses estudos, visa, principalmente, a uma pesquisa de caráter linguístico-textual-discursivo, pautada em categorias dos modos de enunciar, para o exame do movimento da (re)construção da(s) representações sociais sobre o



professor, o que, segundo o ponto de vista aqui assumido, pode afetar a forma de esse sujeito conceber a si mesmo e a sua relação com o mundo.

O objeto desta pesquisa é o discurso sobre o docente; noutros termos, os dizeres que atravessam esse profissional. Ressalto que discorrer sobre o professor é complexo, pois desafia o entendimento acerca da imagem e, ainda, do fazer docente. Implica, também, questionar as práticas, mobilizar emoções e desequilibrar representações já consolidadas. Por outro lado, refletir sobre a docência abre espaço para problematizarmos a imagem do professor atrelada ao seu agir. E esse poderá ser o primeiro passo para uma (re)configuração da representação do educador.

### **Mapeando as Representações**

As palavras fazem parte das mais diferentes situações em que vivemos. Voloshinov (2004, p. 41) nos afirma que a palavra pode marcar as fases transitórias mais íntimas e efêmeras das mudanças sociais. Com elas, informamos o que pensamos e sentimos, contamos fatos, externamos nossos desejos, as nossas representações e damos pistas do nosso agir. Nesse processo representacional, perpassa a orquestra de vozes, num viés autonímico que favorece uma reflexividade da linguagem, no desvendamento do processo discursivo. E, no funcionamento heterogêneo languageiro,

*“há um signo que se impõe como objeto, propulsionado à frente da cena (enunciativa) como ‘personagem’ ao qual o dizer faz referência, saindo aí de seu papel de engrenagem ordinária da maquinaria do dizer, condenado ao apagamento da realização de função ordinária de mediação.” (Authier-Revuz, 2003, p. 71)*

Sob essa perspectiva, os signos são empregados e comentados ao mesmo tempo, mostrando uma não coincidência do sujeito com o seu próprio dizer. E os pontos de vista emergem e são acentuados no desdobramento discursivo (Authier-Revuz, 1995).

Numa emergência representacional, envolvendo o dialogismo e os pontos de vista acentuados no desdobramento discursivo, determina-se o que pode ser dito a partir da interação com o outro e da posição que escolhemos e assumimos numa dada conjuntura. Assim, não há somente um sujeito empírico, mas um sujeito do discurso permeado pelas marcas do social, do ideológico e do histórico representando algo. (Pêcheux, 1988). O lugar desse sujeito não é vazio, mas, sim, preenchido por um



saber de uma determinada formação discursiva com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito.

A caminho, então, de uma reflexão acerca das representações, compete assinalar que, os discursos aqui reproduzidos para análise, fazem parte de uma pesquisa de doutorado intitulada como: Olhares para o professor: representações sociais na trama da teia discursiva de educadores. Para este artigo, selecionei sete respostas da entrevista, relativas à questão: *Se você tivesse que dirigir uma mensagem a um jovem que quisesse seguir a carreira de professor, que mensagem você daria a ele?*

Nos excertos apresentados, sinalizam-se as dimensões representacionais do ser professor e, ainda, a objetivação de um “eu”, isto é, a construção de um sujeito aconselhador e educador, quando se deparam com essa última questão provocadora. Nessa interação de entrevistado e entrevistador, os discursos dependentes das condições de produção são ancorados no contexto imediato de produção, mas, também, numa memória discursiva.

Para ilustrar, leia-se a primeira resposta trazida a esta seção:

#### Mensagem 1

*“(...) eu diria... que ele deve escolher a profissão de professor se... ele realmENTE gostAR de tER convivência com as pessoas. Eu faria uma reflexÃO com essa pessoa... Do que você gosta? Por que você está pensando em SER professor? Eu não acredito que a pessoa vai escolher a profissão por saudosismo ou por paixão, entende? (...) Eu diria que ele deve escolher a profissão de professor se ele realmente gostar de ter convivência com as pessoas.”*

**Fonte:** (Leite, 2014).

Veja-se que o enunciador recorre ao uso da condicional “se” e ao modalizador “realmente”, elementos que acentuam o viés de advertência, como algo que precisa ser cumprido para ser professor. Seguindo essa linha, abre-se um espaço de reflexão, e o enunciador convida o interlocutor para também refletir sobre o assunto em pauta por meio de perguntas diretas. Note-se que há uma construção de um profissional ponderado; aquele que detém um saber sobre a escolha da profissão docente, pois acredita numa opção profissional, fundamentando-se no perfil de um profissional que gosta “de ter convivência com as pessoas”. Nessa linha, outros enunciadores são



trazidos à cena para efeito de argumentação e fundamentação. Tem-se, assim, a emergência de vozes de um aconselhador, de um professor, participante de uma pesquisa, também pesquisador, e legitimando o papel nessa cena, de aconselhador. E, nesse ponto, no papel de aconselhador, agencia, no valor semântico dos termos “se” e “escolha”, o que é expresso e dito – seja professor – e o não dito – orientado pela ação do verbo “diria” no futuro do pretérito e, ainda, por uma modalização epistêmica, marcada no termo “realmente”, indicando um eixo de avaliação da condição de ser professor: siga outra profissão.

O discurso anterior nos faz retomar a heterogeneidade, cujo pressuposto atribui ao sujeito seu descentramento e ao outro, um papel primordial no discurso do mesmo. (Authier-Revuz, 1990).

Para deixar clara essa abordagem, convém pontuar que, em Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), a heterogeneidade é estabelecida a partir da noção de heterogeneidades enunciativas, apresentadas como: a *constitutiva* e a *mostrada*. A primeira refere-se “aos processos reais de constituição de um discurso”; a segunda, aos “processos de representação, num discurso, de sua constituição.” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). Nessa perspectiva de distinção, mas não de separação entre as heterogeneidades constitutiva e mostrada, Authier-Revuz (1990, p. 26) adota os casos de heterogeneidade mostrada como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”, considerando a existência de dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade, com marcas explícitas, e aqueles cujas marcas não são mostradas. No caso deste estudo, fazemos menção à heterogeneidade mostrada e não marcada.

De qualquer maneira, as representações podem ser trazidas nos modos da presença do outro. Dialogicamente, no trabalho com o seu próprio dizer, o professor traz à tona a concepção de instâncias ligadas a um sistema tradicional, refutando-a, e marcando, então, a sua representação docente: “gostar de ter convivência com as pessoas”. Nessa visão, subentende-se o professor interativo.

Convém destacar que, no momento em que o gravador foi desligado<sup>1</sup>, o enunciativo em foco indagou:

## Mensagem 2

---

<sup>1</sup> Após desligar o gravador, a entrevista ainda permaneceu em tom informal, quando a entrevistada abre um discurso em tom de desabafo.

*“(...) você já desligou o gravador? Olha, na realidade não é nada disso que eu queria dizer. Você sabe... Ser professor hoje é muito difícil. A indisciplina, os baixos salários, a desvalorização... eu mesma já falei com a minha irmã que não vale a pena fazer licenciatura, quando ela demonstrou um interesse em fazer Letras. Não vale a pena ser professor, hoje!”*

**Fonte:** (Leite, 2014).

Numa autocorreção, metadiscursivamente, o enunciador se desenha, agora, como um profissional que vive os problemas atuais que cerceiam o trabalho docente: “indisciplina”, “baixos salários”, “desvalorização” da pessoa e do profissional. Utiliza, inclusive, uma experiência pessoal ao dissuadir a irmã no prosseguimento dos estudos buscando licenciatura com argumentos baseados na sua realidade. Nessa medida, conduz o interlocutor a perceber o lado negativo da profissão e projeta-se, assim, a representação do professor desvalorizado.

Cabe destacar que essas representações nos permitem refletir, inclusive, acerca dos novos significados do fazer docente. Esse sujeito assume-se como um trabalhador, que tem nas suas práticas de linguagem, a orientação do ‘ser professor’ e a compreensão dos processos de letramento dos quais ele faz parte.

De acordo com Charaudeau (2006), o sujeito apresenta uma identidade social que funda a sua legitimidade de ser comunicante em decorrência do estatuto dos papéis que lhe são atribuídos pela situação comunicativa. No primeiro relato desse enunciador, há indícios de um querer dizer tendo em vista o pesquisador, a investigação e o próprio papel que o participante assume naquele evento, considerada, sobretudo, a questão que lhe foi proposta.

No segundo, considerando a situação de enunciação, o enunciador dirige-se ao entrevistador convidando-o para aderir ao seu posicionamento. Esse convite marcado pela escolha “você sabe” direciona o discurso a um interlocutor, no caso o entrevistador, a um grupo particular, que também pode compartilhar daquela representação. Observe que a escolha lexical “eu mesma” acentua e legitima o seu argumento de detentora de uma experiência de quem sabe o que fala. É claro que convém destacar que se constrói, aqui, uma identidade discursiva do enunciador, aconselhador, atrelado aos papéis atribuídos no ato de enunciação, decorrentes das coerções comunicativas que lhe são impostas e das estratégias discursivas que ele resolve seguir, por isso um discurso com o gravador ligado, e tudo que envolve essa



cena, e outro, com o mesmo desligado. Charaudeau sustenta, então, que as identidades podem fundir no *ethos*, visto que a distinção entre tais identidades – social e discursiva – é tênue, sobrepondo-se muitas vezes uma na outra.

Em uma próxima mensagem, o riso do enunciador parece contemplado por um ar disfarçado de ironia, atitude que pode estar orientada para uma proteção de face, visto tratar-se de uma temática de seu trabalho diário, ou por considerar difícil aconselhar um jovem a seguir a profissão docente, levando-se em consideração a realidade precária que envolve algumas instituições de ensino e seus colaboradores.

### Mensagem 3

(risos) *“Ah, eu não sei... É um trabalho que requer muita dedicação, uma certa devoção, um esforço, um empenho... a mensagem é... se dedica ao MÁximo possível para ser um BOM professor, dar uma BOA aula e, também, se enCARE como professor... se identifique como professor, SEJA como um trabalhador que atue nessas condições preCÁrias!”*

**Fonte:** (Leite, 2014).

Em virtude das possibilidades, marcadas pelo “não sei” e pela força ilocucionária assertiva da expressão “é um trabalho que requer X”, infere-se que o sujeito constrói sua resposta recorrendo ao tom de reflexão e posterior aconselhamento. As escolhas lexicais como “devoção”, “esforço” e “empenho” orientam-nos para uma representação de trabalho docente ancorada numa memória discursiva ligada ao sacerdócio. As especificidades do ser professor para esse enunciador, aconselhador, são postas gradativamente, acentuando e assinalando o ideal positivo para o perfil docente: “se dedica ao máximo”; “dar uma boa aula.” O enunciador se apropria de um discurso militante, de uma Pedagogia Libertária (Gallo, 1996), na qual se prioriza o discurso e a ação. Nessa linha, destaca mais uma especificidade, por meio do discurso imperativo pautado no “se encare”; “se identifique” como professor.

O não dito emerge numa voz que adverte:

- Existe trabalhador que não atua em determinadas “condições precárias”.

E, também, o dito numa voz que incentiva:

- Se encare como professor, se identifique como professor, seja como um trabalhador que atue nessas condições precárias.



O discurso imperativo é concluído pelo eco de um enunciado marcado pela ironia. Essa ironia é construída gradativamente nas ações verbais cujo alvo determinado é o futuro professor. Aqui, a autonomia e o sarcasmo se mesclam quando o enunciador como professor faz eco a si mesmo e no momento que se faz referência ao seu interlocutor.

Nessa construção discursiva, emerge a representação, marcada por uma dimensão estereotipada do professor submisso ao sistema.

No próximo excerto, observe que o enunciador desenha o docente como aquele que se constrói como profissional tanto na academia, quanto na prática, concluindo esse processo de construção naquele que edifica o conhecimento: o professor.

#### Mensagem 4

(risos) *“as coisas são muito complexas. Eu incentivaria, puxa, é LEGAL demais! Isso MESmo! Mas... eu acho que é preciso falar daquilo que é negativo. Eu acho que o problema é esse. Na escola só se aponta o que é negativo, sabe? Você chega na academia, só se aponta o que é positivo. Só tem coisas boas... só tem coisas maravilhosas::: lá é o paraíso. Você chega dentro... em sala de aula... você vai ver as crianças... os adolescentes... lá... querendo aprender... você vai passar, ensinar a fazer análise sintática... é a coisa mais LEGAL do mundo fazer análise sintática e NÃO é. É tediOSO! Você chega na escola, por exemplo, como estagiário, e só falam coisas negativas para você! E você não está formado ainda! As pessoas não têm um pingão de misericórdia de você! Não tem um pingão de misericórdia. Não mexe com isso não! Você que é o ingênuo que vem com essa visão romântica. Ihhh, vem você com o discurso da ACADEMIA! Você que é o inocENTE! Você vem com esse discurso romantizado da academia, com essa visão idealizada do ensino. Meu Filho, aqui... é OUTra realidade! E, você pensa, nossa, eu aprendi ISSO, na disciplina universitária... E, você fica nesse choque! Mas, eu incentivaria, porque precisa! Você precisa do professor como precisa do médico. Eu não vou falar, o professor é a melhor profissão do que as outras, porque...TODA profissão é digna. Se não tiver um pedreiro para construir a casa... meu amigo, o médico tem que sair de lá... para construir... alguém tem que fazer...TODA profissão é digna e tem que ser valorizada. E se essa pessoa quer ser professor, é um desejo dela, ela deve pensar qual é o meu papEL ALI? Eu quero fazer diferença na vida do OUTro? É isso.”*

Fonte: (Leite, 2014).



O riso antevê a resposta. Não se pode afirmar, contudo, se o riso desse enunciador denota ironia ou certo conforto/desconforto quando solicitado a construir a mensagem acerca do aconselhamento. O indício de um incômodo da pergunta se acentua quando o enunciador discorre sobre a complexidade “das coisas”, isto é, o que cerceia o universo docente. Após segundos de introspecção, refaz-se para acenar positivamente no incentivo proposto: ser professor. Apesar de recorrer ao termo incentivar, esse enunciador se constrói muito mais na ação da advertência. Ao retroagir em seus pensamentos, como um professor em formação, apresenta-nos os dois polos que perpassam a formação docente: i) crítica à universidade, um lugar onde se preconizam os aspectos positivos que envolvem o ser docente; ii) julgamento das práticas de ensino no cotidiano da sala de aula.

A dicotomia de um discurso da universidade e de outro pautado na prática docente é legitimada no interdiscurso da equipe pedagógica ancorado numa ideia “romantizada da academia” e na “visão idealizada de ensino.”

Pode-se observar que, no discurso indireto do professor em formação, não há somente o discurso de um jovem ingressante na carreira docente, mas, também, os posicionamentos de outras instâncias: universidade, escola e equipe pedagógica. Esse posicionamento está pautado num já-dito, imbricado em nós e nas estratégias discursivas, marcadas por uma orientação axiológica, nas quais os enunciadores se incluem. Essa dimensão axiológica segue uma linha:

- o professor em formação é inocente;
- o professor em formação possui uma ideia romântica da escola;
- a escola é outra realidade;
- o discurso da universidade é muito distante da prática escolar.

Diante disso, o incentivo fica à margem. Porém, é resgatado pelo enunciador quando representa essa profissão como honrada, acentuando-a como qualquer outra. Nesses termos, recorre à escolha de duas profissões para ilustrar o seu modo de configurar o docente. A primeira escolha, “pedreiro”, acentua a dignidade. Subentende nesse termo uma metáfora ligada àquele que possui característica em torno do edificar o saber. A outra, ao médico, infere-se uma imagem ancorada ao ato de prestar assistência.

A escolha desses termos, isto é, dessas profissões, considerada a ação de comparação realizada, revela que se opera com elementos que não estão no mesmo



plano, tendo em vista o valor que estes recebem em nossa cultura. Na concepção desse enunciador, independente do *status* do profissional, o edificar e o cuidar se aproximam, em termos de ações dignas, porém, ele deixa transparecer em seu discurso, na comparação estabelecida, que o construir está na base metonímica do ensinar; desse modo, o professor estaria para o pedreiro, e não para o médico. Essa representação docente, próxima à imagem de pedreiro, está fundamentada na ação da construção de X, nesse caso, do conhecimento. Pode-se inferir, assim, que o professor é a base para outras profissões, como a do médico.

Em outro pronunciamento, o riso novamente emerge antes da verbalização de um ponto de vista.

#### Mensagem 5

(risos) *“aH... se for realmente um objetivo de sua vida, VÁ em frENte! Você vai encontrar esPInhos no caminho, nem tudo são flores, mas a recompensa vem! Se você gosta, né, o retorno é garantido. Toda área de atuação você tem a parte espinhosa... e com certeza... quando:: é aquilo que você gosta... pode ser qualquer outra profissão... a... mais simples possível, mas se você gosta, você irá encontrar algo diferente.”*

Fonte: (Leite, 2014).

A interjeição, junto a uma pequena pausa e a condicional “se”, prepara o interlocutor para a advertência à resposta. Mas, na realidade, a resposta vem bem sintetizada, numa voz social da academia: “vá em frente”.

Em seguida, os dizeres de uma instância cidadã se instauram advertindo o interlocutor sobre a sua escolha, pois “nem tudo são flores”. Subentende-se no dito popular, de conteúdo moral, uma advertência marcada, talvez, pelas experiências advindas do contexto que o cerca.

Numa orientação axiológica, a representação positiva do exercício professor emerge, desenhando uma cena do

- seguir em frente;
- deparar-se com a parte espinhosa;
- encontrar a recompensa.



Há, nesse ponto, uma voz social, aquela do exercício beatífico, que marca a possível trajetória do professor. Uma trajetória posta e aceita em termos do gostar e no que é obtido: a recompensa, por isso, a satisfação pelo fazer numa ação de incentivar. Constrói-se, aqui, a representação de um profissional convicto de seu gosto.

No próximo exemplo, o enunciador inicia a sua resposta com uma interjeição, orientando-nos para um estado emocional de surpresa do que foi solicitado.

### Mensagem 6

*“nOSSa! É muito complicado isso. Eu já me fiz essa pergunta algumas vezes e já fiz e refiz as respostas. Mas eu acredito, se ele tem o DOM, uma vocaÇÃO, e ele se coloca como capaz em dois lados: o lado do estudo, e::: do aprimoramento. Então, deve seguir em frente.”*

Fonte: (Leite, 2014).

No movimento da construção da resposta, já indicia a complexidade do aconselhamento e se mostra irresoluto no fazer e no refazer das respostas para ele próprio. Nesse instante, instaura-se um ser sujeito que abre uma autorreflexão com ele mesmo. Em seguida, assume-se como um aconselhador e, numa modalização da certeza do acreditar, nas escolhas “mas eu acredito”, representa o professor como aquele que “tem o dom”, “uma vocação”. A relação interdiscursiva pautada numa perspectiva missionária remete ao tom da advertência no não dito. Por outro lado, as escolhas lexicais “do estudo e do aprimoramento” alimentam o discurso acadêmico que avalia positivamente a escolha do interlocutor de seguir em frente. A repetição dessa ideia, de natureza pleonástica, acentua o ato de incentivar.

E, por último, a mensagem de um enunciador que cria uma cena hipotética para advertir, implicitamente, o interlocutor. Nessa linha, conduz o interlocutor a refletir sobre a sua escolha pautada em:

- para ser bem sucedido profissionalmente e financeiramente não siga a carreira docente;
- para trabalhar “em troca do pão e da água”, seja um professor.



### Mensagem 7

*“eu perguntaria a ele... qual é o objetivo que ele tem para a vida profissional e financeira. Se ele quiser ser uma pessoa bem sucedida financeiramente, procure outra profissão. Agora... se ele quiser trabalhar basicamente em troca do pão e da água... como um sacerdote, que VÁ em frente! Se ele achar que isso vale a pena!”*

Fonte: (Leite, 2014).

Numa ação descritiva, assume a sua representação e tece considerações sobre o que é a docência, ancorado no argumento de que, ao se optar por ser professor, escolhe-se viver como um sacerdote. Emerge nesse tom de aconselhar uma avaliação negativa do ser professor, pois metaforicamente o “trabalhar (...) em troca do pão e da água (...)” remete às condições precárias do trabalho docente.

### Considerações Finais

Este estudo nos fez perceber como os discursos podem revelar representações pautadas nas ações coletivas e individuais, constitutivas do processo de construção da figura do profissional do ensino. Os exemplos discutidos revelam que os modos de enunciar dos professores projetam imagens e sentidos ancorados numa memória, e estes se refletem em modelos elaborados e partilhados de professores, hoje, ressignificando os papéis, os posicionamentos e as representações com relação ao ser e ao fazer docente.

No movimento dos processos representacionais, emergem nos discursos dos professores figuras docentes ligadas a um perfil idealizado em termos de constituição, pautado numa imagem ainda que missionária; num viés interativo, voltado para a ação, e realizado, legitimando-se numa concretização. Nesse sentido, os educadores seguem uma ação de advertência, uma chamada de atenção para problemas que perpassam a profissão.

Os resultados revelaram, ainda, dois grandes desafios na esfera educacional. Esses desafios influenciam as representações. O primeiro diz respeito à preparação do professor, ainda em formação, para a prática. O distanciamento desses dois discursos – acadêmico e da escola – dificulta a concretização do perfil desse profissional, o que pode gerar questionamentos tais como: que professor eu sou? Uma dúvida que surge do “discurso romantizado da academia.” E, o que eu devo fazer aqui, na escola, já que “é outra realidade?”



O segundo desafio está relacionado com os discursos que pregam a inversão dos papéis – escola e família – o que ajuíza, também, em questões ligadas à composição docente, remetendo-nos às reflexões relacionadas não somente à imagem, mas também, à prática do professor.

### Referências Bibliográficas

- Alves-Mazzotti, A. J. & Gewandsznajder, F. (1999). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas*. São Paulo: Ed. Pioneira.
- Authier-Revuz, J. (1990). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos linguísticos*, 19, 25-42.
- Authier-Revuz, J. (2004a). Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: J. Authier-Revuz (Org.). *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Authier-Revuz, J. (1995). *Ces mots qui ne vont pas de soi: Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse.
- Authier-Revuz, J. (1998). *Palavras incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Authier-Revuz, J. (2003). *Parler des mots: le fait autonymique en discours*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto.
- Leite, M. A. (2014). *Olhar(es) para o professor: representações sociais na trama da teia discursiva de educadores*. Belo Horizonte: Tese de Doutorado, apresentada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras.
- Machado, A. R. (2004). Apresentação. In: A. R. Machado (Ed.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva* (pp. vii-xx). Londrina: EDUEL.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Pêcheux, M. (1988). *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas (SP): Ed. da Unicamp.
- Volochinov, V. (2004). *Marxismo e filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.